

O DOM DE HEIDEGGER: O PRESENTE DA ONTOLOGIA¹

Heidegger's Gift: The Present of Ontology

Stephan Fuchs²

Resumo

Neste artigo, o autor aplica, implicitamente, a teoria de Luhmann sobre o observador para reconstruir a fenomenologia do dom originário de Martin Heidegger. A relação entre *Dasein* e o mundo é dada, mas aparece de forma diferente de acordo com o modo de mundação. Na modernidade, a metafísica do sujeito e do objeto cobre o mundo. O pensamento que desvela o dom é uma gratidão.

Palavras-chave: Heidegger; O dom; Relação; Metafísica; Modernidade.

Abstract

In this article, the author implicitly applies Luhmann's theory of the observer to reconstruct Martin Heidegger's phenomenology of the originary gift. The relation between *Dasein* and the world is given, but it appears differently according to the mode of worlding. In modernity, the metaphysics of subject and object cover the world. The thinking that uncovers the gift is thanking.

Keywords: Heidegger; The gift; Relation; Metaphysics; Modernity.

¹ Tradução de André Magnelli (Ateliê de Humanidades).

[Nota do autor] O que se segue é uma interpretação do "*Zeit und Sein*" de Heidegger (1969: 1-25). Outras de suas obras foram consideradas. Todas as traduções das citações são minhas.

² Stephan Fuchs, Professor Visitante, Departamento de Sociologia e Ciência Política, UFSC, Santa Catarina, Brasil; sf4r@virginia.edu.

Introdução

Filosofia e filosofias emergem de um humor distinto. O humor é, em Heidegger, o modo primário do nosso ser no mundo, sem saber. A classificação do conhecimento e, antes de tudo, do conhecimento científico, acima do humor, prepara a chegada do que Heidegger chama de *Gestell* [Disposição], que é um mundo que existe ao reunir vários modos da relação ontológica com entes e objetos associados ao verbo *stellen* [pôr], que é uma armadilha e um enjaulamento, uma prisão e um fechamento, um cerco e a consolidação de um regime. Heidegger pensa o mundo moderno em si e, enquanto tal, como *Gestell*, e lê a história da metafísica e do mundo metafísico como a vinda, a chegada, do mundo como *Gestell*. A diferença entre Hegel e Heidegger não está em sua compreensão filosófica da história (com sendo oposta à compreensão empírica). A diferença é que Heidegger passou por Nietzsche, e pela experiência do niilismo.

No Ocidente, o pensamento dos filósofos, de Platão a Nietzsche, consiste na mesma metafísica; ou seja, Platonismo ou idealismo, e Platonismo inverso, ou materialismo. Todos os pensadores pensam o mesmo sobre o mesmo; todos eles pensam o Ser, e todos eles pensam metafisicamente. Pensar metafisicamente é delinear uma distinção, a diferença ontológica entre o reino físico e o reino acima e além do físico, o meta/físico. Esse último tem sido chamado de absoluto, mundo verdadeiro, reino da transcendência: Deus.

A metafísica, ao contrário de (uma) ciência, não faz nenhum progresso e não avança. A história da metafísica se move como um pêndulo de um polo, o idealismo, para o seu oposto, o materialismo. Idealismo e materialismo são o mesmo; são os dois lados da mesma distinção, mantidos juntos por seu próprio conflito. O gancho ao qual o pêndulo está preso é o que Hegel chama de “Absoluto”, a dialética da unidade da diferença entre idealismo e materialismo.

Para Heidegger, a metafísica não é a superestrutura ideológica ou cultural determinada e derivada de uma base real e material ou econômica. A metafísica também não é uma consciência ou crença subjetiva ou coletiva. A metafísica não é o efeito nem a causa da realidade, mas seu sentido, embora

não como uma representação subjetiva e interna. A metafísica também não é uma construção cultural e social, na medida em que a própria ideia de "construir" pertence a uma metafísica; na verdade, ela própria é metafísica. Ver o mundo como constructo é moderno, quando o mundo se torna, primeiramente, uma representação e, mais tarde, uma representação impulsionada pelo interesse e pela vontade.

Somente os humanos conhecem e esquecem a metafísica. Mas também ela não é simplesmente um feito ou um negócio humano, na medida em que a própria questão do que é o ser humano e como ele existe é nada mais do que uma parte de (uma) metafísica. Para aqueles que vivem em uma metafísica, ou em uma religião, sua metafísica e religião vêm de cima, não de baixo. Elas não fazem o mundo enquanto fabricações mundanas e profanas. A essa luz, Heidegger (1957) vê a metafísica como onto-teó-lógica: Ela combina a busca do Ser, do que existe, com a busca do ser mais elevado, do qual tudo o que existe vem e se torna possível – o *a priori*, o absoluto, o sagrado, a causa não causada, a autopoiesis.

A relação de Heidegger com a metafísica é ambivalente, já que seu pensamento é uma tentativa e uma luta para escapar da metafísica a partir de dentro da metafísica. Seu pensamento não é metafísica nem qualquer tipo de ciência, incluindo a ciência histórica e a filosofia científica ou analítica. "A ciência não pensa" (HEIDEGGER, 1954, p. 9). Esta afirmação, que é aparentemente depreciativa, não significa que não existam cientistas que pensem, mas sim que uma ciência toma a si mesma e sua própria possibilidade como evidente e trabalha a partir de um paradigma que se mantém em segundo plano, só podendo fazer seus contínuos avanços se não questionar a essência de sua região particular do mundo. Uma ciência não pensa porque ela não observa a si mesma. Nenhuma ciência pode prestar contas de si mesma em seus próprios termos, os termos dessa ciência. A física, por exemplo, não tem nada de física e não é composta de partículas. A biologia não tem nada de biológica, e não consiste de células ou moléculas. Portanto, a física não pode se explicar de forma física; a física em si ocorre no mundo, mas não no mundo físico. A física não tem nada a dizer sobre o mundo.

Somente por esta razão, não haverá e não pode haver uma teoria física "final" sobre tudo.

Dizer que o pensamento de Heidegger não é ciência significa: Nada em Heidegger pode, ou deve, ser lido e entendido como afirmações empíricas sobre fatos objetivos. Nada em Heidegger explica nada. Não há causalidade em nenhum de seus pensamentos, embora seu pensar tenha influência sobre o que é a causalidade, sobretudo quando ela entra na metafísica. Mas o pensamento de Heidegger também não é uma crítica ou refutação da metafísica. Não se preocupa em melhorar e rever a metafísica, mas procura um caminho para fora da metafísica, um caminho para fora do mundo metafísico e do seu modo de mundar hierárquico.³

O desenvolver da metafísica é o muito debatido *Kehre* [virada], o movimento a partir do qual se busca uma fundação para a filosofia como ontologia fundamental na análise existencial do *Da-Sein*⁴, a fim de questionar o próprio projeto e a possibilidade de certeza e finalidade fundacionais. Esta transição ocorre entre *Sein und Zeit* (1927/2006) e os escritos posteriores de Heidegger, aqueles desde cerca de 1934, que não abandonam a posição ou o ponto de vista de *Sein und Zeit*, mas lançam essa posição numa luz que revela a experiência central deste livro. Esta experiência é o esquecimento e a retirada do mundo e do Ser, em uma morte que é ontológica e metafísica, e não biológica, ocorrida no humor da Angústia (*Angst*), em que o Nada do Ser se anuncia.

Heidegger pensa a metafísica, a filosofia ocidental, não como uma visão de mundo entre outras, ou como um domínio na especialidade e como uma disciplina da história intelectual profissional. A filosofia, neste entendimento, não se limita às comunidades de filósofos acadêmicos credenciados e empregados. Pelo contrário, Heidegger (assim como Hegel e Nietzsche) pensa

³ [Nota de tradução] O autor faz uso de um neologismo de Heidegger, o verbo *welten*, traduzido em inglês por “to world / worlding”. O verbo não está presente em *Ser e Tempo*, sendo utilizado apenas em *Problemas fundamentais da fenomenologia* (1919-20). Ao longo do texto, mantenho o neologismo na forma portuguesa, traduzindo por “mundar / mundação”.

⁴ O *Da-Sein* é geralmente deixado sem tradução. Ele é o *Da* de *Sein* como o *Sein* do *Da*; o desvelamento do Ser e do ente, o existente, desse mesmo desvelamento. [Nota de tradução: na nova publicação bilíngue da editora Vozes/Unicamp, após as querelas em torno da tradução anterior de *Dasein* como presença, o novo tradutor Fausto Castilho optou por manter o termo no original].

a metafísica como a verdade de uma época, o significado de um mundo histórico, a unidade que reúne as diferentes características de uma época em uma *Gestalt* característica e em uma visada cultural. A história da metafísica é a história do Ser, e a história do Ser é a história das variadas e múltiplas formas pelas quais a verdade do Ser foi compreendida de Platão a Nietzsche, o último dos metafísicos: "Cada modo de pensar é um modo de existência histórica e a relação básica com o Ser e o modo como o Ser é compreendido - a verdade" (HEIDEGGER, 1962, p. 4). A "relação básica" é o dom.

O núcleo da metafísica é a ontologia, a busca do que existe, em sua substância e verdade. A metafísica articula a verdade de - não sobre - o Ser. A verdade do Ser é a sua própria verdade, meio ou luz. A verdade do Ser não é uma verdade ôntica, empírica ou científica sobre um objeto ou matéria no mundo, mas a verdade fenomenológica e existencial do próprio mundo, o como ou o modo de seu mundar e de seu vir a ser. Esta verdade não pertence a uma ciência, mas ao fenômeno, ao próprio mundo. Esta verdade nitidamente fenomenológica e filosófica é a luz e o meio que entra e sai do qual um mundo pode ser, e pode deixar ser. Os pensadores são aqueles que deixam o mundo e sua verdade ser, em seus múltiplos modos e maneiras. A verdade do Ser é a verdade em um mundo histórico - em mundos: "Mundo nunca é, mas mundos" (HEIDEGGER, 1929/2004, p. 164). A história do Ser é a história epocal de seus muitos modos e compreensões possíveis. O Ser e o ser do ente humano que, em seu ser, compreende o Ser de alguma forma, pertencem juntos. É a *relação* entre o mundo e o *Da-Sein*, o ente humano, que importa. É esta relação que está sendo doada e dada no dom do Ser.

O que é "mundo"? Para Heidegger, o mundo não é um objeto, coleção de tais objetos, ou a soma total de todos esses objetos. O mundo não é tudo o que é o caso empírico e científico, mas o mundo pode ser, e o mundo moderno o faz, mundo como ciência e relação científica, com a qual o mundo se torna "objetos" - nesta e através desta relação. Mas o mundo em si não é nada físico, biológico ou psicológico. O mundo é aquele dentro e fora do qual a física e a ciência podem ser. O mundo é aquele que deixa a física e a ciência serem, mas sua própria verdade não é a de uma realidade científica, a realidade de um

objeto ou coisa. O mundo não é um objeto, mas "objeto" é uma maneira possível para que algo no mundo apareça. Outro é *Zeug*, muitas vezes traduzido como "coisas úteis", mas melhor concebido como "engrenagem". Outro modo de mundar nessa pluralidade ontológica é, ainda, a arte.

Como é um mundo? De muitas maneiras diferentes. Se Heidegger tivesse uma filosofia da mesma maneira que Kant ou Hegel, e se essa filosofia tivesse um rótulo, seria um "pluralismo ontológico", embora não relativista. O mundo grego munda de maneiras diferentes desde o mundo medieval ou moderno. Ele era chamado então de *physis* e, agora, é chamado de "natureza". A compreensão que Goethe tem da natureza é separada por mundos a partir do que uma ciência chama de natureza. A metafísica é o que separa os mundos e também os mantém juntos. Pois, em todos esses mundos, seu modo de mundar é meta-físico; isto é, hierárquico. O mundo metafísico grego munda como o cisma vertical entre verdade (filosófica) e (a vida comum como) erro; o mundo medieval munda como a ruptura entre Deus e tudo aquilo que distrai e afasta Dele, e o mundo moderno, de Descartes a Hegel passando por Kant, munda como a diferença entre Sujeito e Objeto, filosofia e ciência, o transcendental e o empírico.

O ser e o mundo nunca "são". Em sua diferença ontológica, o Ser não é *um* ser, mas aquilo que, em primeiro lugar, torna possível o encontro dos entes *como* entes. Sem uma compreensão do Ser, do que é ou do que significa para alguém ou algo ser, não poderíamos nos relacionar com nenhum ente, inclusive o nosso próprio. A metafísica da modernidade pensa o Ser como o *a priori*, como aquele que já deve estar sempre seguro e em lugar firme como o último e principal fundamento, origem ou fonte da qual emana todo o conhecimento e percepção. O ente deste *a priori* é o sujeito transcendental como Cogito. O Sujeito é a condição transcendental para a possibilidade de todo e qualquer conhecimento empírico, de observação de primeira ordem, e é por isso que ele mesmo não pode ser conhecido empiricamente, apenas pensado. O Sujeito é um Sujeito lógico, o Sujeito da lógica, o Sujeito *como* lógica ou Razão Pura. O Sujeito não é uma pessoa empírica, ou comunidade

de tais pessoas. O Idealismo alemão dá este dom, a compreensão do Ser como Sujeito, uma morada. Ele se torna um sem-teto [*homeless*] em Nietzsche.

Metafisicamente, Ser não é um ente, não é um objeto ou coisa, e não é um "predicado real" kantiano. Da mesma forma, o mundo em si não pode ser encontrado entre entidades de seres-no-mundo. Ao contrário dos entes, o Ser escapa da grade e da garra de proposições e definições. Parece que o Ser é uma mera abstração e quimera, um conceito vazio, um conceito sem experiência. No entanto, não há entes sem Ser, sem uma compreensão dos comos e modos de ser. O Ser é um como, não um quê, e não um quem. Na medida em que o Ser é mundo, não há ser-no-mundo sem mundo, e nem mesmo uma descrição absoluta e final de tal entidade ou soma de entes-no-mundo poderia ser uma descrição do mundo. Ser e mundo não são objetos ou tópicos possíveis para uma ciência, uma vez que todas as ciências são ciências especializadas que abordam apenas uma região do mundo, uma entre muitas outras regiões do mundo, mas nunca o próprio mundo. Todas as ciências consideram o próprio mundo como um dado adquirido [*for granted*]. Todas as ciências estão no mundo, mas não há ciência do mundo.

A ideia de Ser ou mundo evoca o que é mais comumente conhecido como paradigma, *Gestalt*, e exemplar. A verdade do Ser é a fisionomia e o ritmo de uma época, sua vida. A face de um mundo histórico, como ele compreende a si mesmo e articula esta compreensão, não é uma de suas características, mas sua unidade e totalidade, aquilo que mantém as várias vertentes de uma cultura - sua arte, religião, filosofia - juntas, e lhes proporciona sua assinatura e expressão hermenêutica distintiva. Da mesma forma, um paradigma é aquela verdade ontológica ou metafísica que mantém juntas as várias pesquisas de uma ciência (normal). Mas paradigma e Ser permanecem em segundo plano como recurso e quadro, não se tornando eles próprios tópicos, exceto em raras revoluções, que levam um mundo a um abrupto colapso e fim. A luz do paradigma es-clarece como e o que uma ciência normal aborda e trata como sua própria ciência, seus próprios objetos; contudo, a própria luz se retira e se esconde. Ainda assim, não há verdades ônticas ou científicas sem (uma) verdade paradigmática e ontológica ou metafísica.

O que é Ser? Que tipo de pergunta é essa? Ela não é sem resposta concebível. Seria ela realmente uma pergunta no sentido usual, que deixaria de ser uma pergunta quando a resposta foi dada? Neste caso, a própria questão do Ser já seria frívola e ociosa, e não deveria ser levada a sério. Quem faz esta pergunta, e quando? Ninguém tem tempo para tais perguntas, e elas não produzem resultados e recompensas mensuráveis. Mas nós as fazemos - embora raramente, feitas em circunstâncias e estados de ânimo excepcionais, como quando o mundo se retira para o Nada onde nada mais importa e nada faz diferença.

A metafísica ocidental entende o Ser como presença. Entende a presença como um modo especial de tempo, como agora, ao passo que o passado e o futuro estão ambos carentes de presença, como um *não*, um não mais (passado) ou ainda não (futuro). O tempo presente, o agora, é, portanto, mais real do que o passado e o futuro. Mas Heidegger pensa o tempo em mais de uma dimensão linear. O tempo não é, pelo menos não originariamente, uma cadeia ou fluxo sequencial de momentos-agora e eventos. O tempo não é agora. O passado não se foi, e o futuro não é o que não é agora, mas será ou poderá ser algum tempo mais tarde. Ao contrário, o futuro é o advento do que está vindo em nossa direção. Mas o que está vindo em nossa direção não o poderia fazer se não tivesse partido há algum tempo. O presente é onde o advento, a vinda em nossa direção, e o que tem sido e vem sendo feito, há bastante tempo, se encontram. É assim que Nietzsche pensa a história do niilismo, e Hegel, a vinda do Absoluto.

As questões "o que é Ser?" e "o que é tempo?" não são questões possíveis em e para uma ciência normal, assim como a pergunta "quão comum é o senso comum?" não é uma pergunta para o senso comum. Se tais perguntas fossem feitas em uma ciência ou no senso comum, elas seriam rompidas e perturbadas em seu modo rotineiro de operação. Ambas as perguntas são genuinamente filosóficas.

Na medida em que Ser e tempo não são objetos possíveis para uma ciência normal, não se pode dizer "há Ser", ou "há tempo", tal como se pode dizer "há uma casa ali" ou "o DNA é uma dupla hélice". Nem Ser nem tempo

são fatos ou objetos prontamente disponíveis para serem encontrados na realidade empírica. Portanto, Heidegger diz: "*Es gibt Sein*", "*Es gibt Zeit*". A tradução literal é: "Dá-se Ser"; "Dá-se tempo".⁵ Mas o impessoal e anônimo, o "indeterminado", não se refere a um ente, nem mesmo a um ente superior, um ente primordial e originário, poder ou força. Pois nada é a causa do Ser, e nenhuma causa intramundana pode ser a causa do mundo. Ao contrário, o "indeterminado" que dá o Ser e o tempo ecoa em "chove". Não há nenhum Sujeito-indeterminado separado da chuva, e a chuva existe apenas como a chuva - assim como o mundo não é senão mundar. Para entender as palavras filosóficas ou especulativas, devemos pensar nelas como verbos, não como substantivos.

Não há nenhum poder superior ou Doador que dê o dom do Ser. Há apenas a relação em si, a doação do dom. O dom não é, na verdade, uma coisa, e não é um símbolo para outra coisa. O dom doa nada mais que a relação, a relação que está dando a si mesma. A relação que está dando é a própria relação que a dádiva dá, que são dons, providências e permissões, mas não "causas". O dom do Ser permite, deixa ser, sendo a possibilidade de uma relação entre Ser e Tempo, e entre eles e os dotados. Os dotados são os pensadores. Eles não são dotados por terem DNA especial, talentos ou QI elevado, mas sim porque são aqueles que não podem deixar de pensar.

O dom de Ser e Tempo é a verdade possível dentro e fora da qual um mundo histórico munda. Heidegger pensa a verdade não como verdade proposicional ou lógica, mas como verdade ontológica, fenomenológica e existencial - a verdade do Ser, não a verdade sobre os entes. A verdade ontológica do Ser pertence ao Ser, enquanto as verdades ônticas (no plural) sobre os entes pertencem a suas respectivas ciências. Seguindo a desestruturação da metafísica ocidental até a ideia antiga e pré-metafísica da verdade como *aletheia* [não-esquecimento], Heidegger pensa a verdade

⁵ [Nota de tradução] Em inglês, o autor utiliza a terceira pessoa "*it*" como forma de impessoalização: "*It gives Being*"; "*It gives time*". Adoto aqui a forma gramatical do sujeito indeterminado. Na sequência do mesmo parágrafo, traduzo sempre "*it*" por "indeterminado". Além disso, ao tratar da natureza não subjetiva do Ser, Fuchs diz que este sujeito "indeterminado" (*it*) também ecoa em "*it rains*". Neste caso, em português, passa-se da forma do sujeito indeterminado para a oração sem sujeito: "chove".

ontológica não como a propriedade fixa e estabelecida dos fatos, mas como uma revelação, um desenterramento, uma abertura, um des-velamento.

O desvelamento, porém, não desvela a si mesmo, e não desvela o que desvela *in toto*. O que aparece na abertura de uma clareira também se oculta. De fato, o desvelamento é também um fechamento, pois fecha diferentes modos em que o Ser pode aparecer, em que o mundo pode mundar. Na história da metafísica, o Ser se desvelou como ideia e energia, como substância e força, como vida e vontade, como sujeito e objeto, ou como a unidade da diferença entre classe em si e classe para si. O Ser também se tornou sociedade e comunicação, sistema. Sempre que o Ser se revela de uma destas maneiras, ele sela diferentes possibilidades e se retira para o fundo, em favor dos entes que deixa ser.

Um doar que se oculta e se retira em favor do presente em si é um "enviar", um *schicken*. Nesta palavra está *Geschick* [Destino] e *Geschichte* [História]. Assim como Hegel e Nietzsche, Heidegger pensa *Geschichte*, a história, não como uma ciência, e não como o objeto de uma ciência. Ao contrário, a história é a vinda e a chegada do que começou seu próprio fim há muito tempo, desde a origem da metafísica e o começo do mundo metafísico. É este mundo em cujo fim e colapso contínuo e acelerado vivemos agora. Nossos mundos como gaiola técnico-científica, racionalidade instrumental, ou *Gestell* [Disposição]. A *Gestell* é um mundo com apenas uma dimensão, com apenas uma realidade, com uma realidade que é exclusivamente empírica e física, e não mais meta-física, ou bidimensional. A *Gestell* e a tecnociência não são meras ocorrências empíricas no mundo, mas a própria maneira e o modo em que o mundo moderno tardio munda. Este é o nosso *Geschick*. O *Geschick* não é algum tipo de destino "superior" pré-ordenado ou fatalidade, muito menos o que acontece com as pessoas individualmente. Ao contrário, o *Geschick* é a tomada e herança de um doar como envio e missão, uma missão que começou com a vinda ao mundo da metafísica dualista platônica e do cristianismo como o "platonismo para o povo" (Nietzsche). A história da metafísica e do cristianismo ainda continua a terminar agora e terminará ainda por algum tempo. O início deste fim da metafísica e da filosofia é a

ascensão das ciências modernas e sua racionalização cultural no positivismo, no naturalismo e no fisicalismo.

O Heidegger tardio (1989) chama de "*Ereignis*" a libertação do Ser e do mundo no tempo histórico.⁶ O dom é a mundação de um mundo. Os dons precisam ser recebidos, mas um recebimento que não é como a confirmação e aceitação de uma entrega ou envio. Ao contrário, o receptor recebe o dom de tal forma que libera e desdobra o dom em suas muitas e variadas possibilidades, as possibilidades que estão adormecidas em um *Ent-wurf* [projeto] originário, ou projeção paradigmática do Ser. O *Ent-wurf* não é uma teoria sobre o mundo, mas um esboço ou enquadramento fundamental e fundacional de como o mundo munda. O desenvolvimento de uma filosofia é o desvelamento deste paradigma fundacional e suas possibilidades. Seu desvelamento é completo quando uma filosofia esgotou suas possibilidades. Na história do Ocidente, isto acontece com Hegel, que desvela a metafísica e sua história até o ponto em que ela se torna absoluta e dentro de um sistema recursivo fechado. Hegel é o fim de um começo, o começo da metafísica ocidental, e o começo de um fim, o fim do mundo moderno, que ainda está em curso.

Nesta conjuntura hegeliana, a metafísica não pode mais se superar ou transcender a si mesma. Mas ela ainda pode, e faz, se reverter, virando de cabeça para baixo, por assim dizer. Isto acontece com a antropologia filosófica e humanista de Feuerbach, o materialismo histórico de Marx, o platonismo revertido de Nietzsche, e o ataque freudiano ao Ego. Através de suas críticas, a metafísica se transforma em uma ideologia voltada para o interesse e em uma ficção infantil.

"O pensamento dos pensadores é a relação com o Ser dos entes" (HEIDEGGER, 1954, p. 75). O pensamento dos pensadores reconhece, graças

⁶ [Nota de tradução] O conceito de *Ereignis* é de difícil tradução para o português. Segundo o Dicionário Poético da Faculdade de Letras da UFRJ, que segue Ronaldes de Melo e Souza, o termo pode ser traduzido para o português como "acontecer-poético-apropriante" ou "evento criptofânico". Ver Ereignis. In: Dicionário de Poética e Pensamento, on line. Acesso 13 de agosto de 2021. Acessível em: <http://www.dicpoetica.letras.ufrj.br/index.php/Ereignis>; e também: SOUZA, Ronaldes de Melo e. "Ereignis: evento criptofânico". In: *Revista Tempo Brasileiro*, nº 95. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1988.

a isso, o dom do Ser ao pensar e desvelar as possibilidades ontológicas e existenciais que estão adormecidas na projeção [*Ent-wurf*] pro-ductiva de um paradigma de mundo e mundação - tal como o de mundo enquanto ideia, força, vida, Sujeito, vontade. O pensamento dos pensadores se ergue, se destaca em, compreende a mundação de um mundo, o significado ou a verdade do Ser. Mas os pensadores não fazem, produzem ou constroem o mundo. O mundo não é sua representação. Ao contrário, o pensamento dos pensadores articula a unidade do mundo, o que o mantém junto, sua verdade.

Os pensadores são entes humanos, embora ímpares. O modo do ser do ente humano, do *Da-Sein*, é a "existência" que, em Heidegger, não significa a presença real ou empírica do ente humano no mundo entre outros entes, ou em pé de igualdade com eles. Humanos, rochas e caracóis podem ser encontrados no mundo, mas não estão lá da mesma forma. Dizer que o *Da-Sein* existe é dizer que, com Heidegger, só o *Da-Sein* existe, na medida em que existir é um modo de ser único para o ente humano. Existir significa estar de tal forma que ser esta existência exige assumi-la. Como todos os termos filosóficos, *Da-Sein* é melhor entendido como verbo do que substantivo, uma vez que não ocorre simplesmente, mas deve ser realizado. Existir é um *ek-stare* [latim *existere*], um levantar-se, um pôr-se de pé e um resistir dentro e fora da abertura horizontal e da investida do mundo. O ser do ente humano é posicionado na clareira ou na travessia, onde a luz e o dom do Ser es-clarece uma compreensão do Ser. O ser do ente humano é tal que, em seu ser, o ente humano compreende e se relaciona com seu próprio ser, bem como com o mundo no qual e para o qual este ente vive. Na medida em que esta compreensão não se compreende a si mesma, é uma compreensão ôntica ou pré-ontológica. Esta compreensão vaga e não elaborada de si mesmo e do mundo é o dom com o qual o ente humano, e somente o ente humano, é dotado. O pensamento dos pensadores desvela este dom na abundância de suas possibilidades filosóficas e metafísicas. O pensamento dos pensadores desvela a compreensão ôntica em uma compreensão ontológica.

O *Da-Sein* existe em uma possível compreensão do significado ou da verdade do Ser. O *Da-Sein* não é o Sujeito, mas o "Sujeito" é uma maneira

possível para o ente humano compreender a si mesmo, e esta é a compreensão que surge junto com a metafísica da modernidade como uma filosofia do Sujeito. A compreensão na qual o *Da-Sein* existe é constitutiva dela, e, portanto, não é uma operação cognitiva ou mental interna. O *Da-Sein* não é uma realidade interior ou exterior; é um ser-entre interior e exterior, um ser na travessia e na clareira. A compreensão na qual o *Da-Sein* existe não é um conhecimento, não é um conhecimento dos fatos. É uma compreensão não proposicional que não pode ser correta ou falsa, o que a torna uma compreensão pro-ductiva ou paradigmática. Uma compreensão pro-ductiva traz algo à tona, mas não faz ou cria (produz) o que compreende. Tampouco fazemos ou criamos esta compreensão em si; ao contrário, somos lançados a ela, como se estivéssemos no humor.

Como é que pode ser compreendida a compreensão em e como o *Da-Sein* existente em si? Esta é uma tarefa para pensar, para o pensamento dos pensadores, através da qual o dom de pensar é permitido a seguir o seu curso. Não é que tenhamos, de um lado, a compreensão e, do outro, o compreendido, para que possamos então examinar se a compreensão "corresponde" ou não ao que é compreendido. Uma compreensão pro-ductiva *permite que* o que ela compreende *seja de uma* certa maneira. Esta compreensão compreende algo *como* algo, onde o "como" indica a luz na qual algo está sendo compreendido. Esta compreensão não é teórica nem prática, mas existencial. Não é que o *Da-Sein* às vezes compreenda, e às vezes não compreenda. Ao contrário, o *Da-Sein* é o ente desta compreensão, o ente de seu modo de des-velar, o ente de e na clareira ou cruzamento em que está situado. Compreender algo desta maneira existencial não se opõe a sentir ou perceber algo. É uma compreensão de dentro e de fora donde existimos. É uma compreensão (ôntica, de primeira ordem) não compreendida (ontologicamente) em si mesma. Uma dessas compreensões ônticas é o senso comum, que pro-duce o mundo como ele é na atitude natural, o mundo real, o mundo da vida, o mundo em que todos nós vivemos na maior parte e pelo maior tempo. O senso comum não está em nós; nós somos nele.

Todos os seres humanos entendem e pensam. Mas muito poucos de nós são pensadores. Os pensadores são muito raros, ao contrário dos cientistas, acadêmicos ou pesquisadores, que aparecem em grande número. O pensamento dos pensadores se move através do cruzamento entre o Ser e os entes, entre uma compreensão ôntica e uma compreensão ontológica do Ser. A compreensão ontológica articula e desdobra a compreensão ôntica. Este desvelamento é como o dom dado aos pensadores do que está sendo recebido - através do devir de sua filosofia.

O devir da filosofia de Heidegger, embora não seja um caminho reto, pois é torcido por curvas e becos sem saída, é apenas uma questão contínua para a Verdade do Ser, para o que realmente existe, na verdade. Ao mesmo tempo, a Verdade não é mais, não pode mais ser, absoluta. Esta é uma possibilidade que não está mais disponível, pois o mundo moderno como *Gestell* aplaina toda a existência em funções e probabilidades, em médias estatísticas e medidas agregadas de impacto ou resultado. Embora ainda exista um *Zeit* [Tempo], ele não tem mais nenhum *Geist* [Espírito].

Referências:

HEIDEGGER, Martin. **Sein und Zeit**. Tübingen: Niemeyer, 1927/2006.

HEIDEGGER, Martin. "Vom Wesen des Grundes". Pp. 123-175 em seu **Wegmarken**. Frankfurt: Klostermann, 1929/2004.

HEIDEGGER, Martin. **Heisst Denken era Heisst?** Tübingen: Niemeyer. 1954.

HEIDEGGER, Martin. "Die Onto-Theo-Logische Verfassung der Metaphysik". Pp. 31-67 em seu **Identitaet und Differenz**. Stuttgart: Klett-Cotta, 1957.

HEIDEGGER, Martin. **Die Frage nach dem Ding**. Tübingen: Niemeyer, 1962.

HEIDEGGER, Martin. "Zeit und Sein". Pp. 1-25 em **Zur Sache des Denkens**. Tübingen: Niemeyer, 1969.

HEIDEGGER, Martin. **Beitraege zur Philosophie (Vom Ereignis)**. Frankfurt: Klostermann, 1989.